

## **Estágio na revista Anais de História de Além-mar**

**André Real Morgado**

### **Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto**

**Nota:** André real Morgado, Estágio na revista  
Anais de História de Além-Mar, 2013

**Março de 2013**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do  
Professor Doutor João Luís Lisboa.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a toda a equipa do Centro de História de Além-Mar, pela oportunidade de estagiar na sua publicação, em especial ao Professor Tiago Miranda pela atenção disponibilizada.

Ao Professor João Luís Lisboa pela paciência, atenção e disponibilidade demonstradas ao longo da redacção deste relatório.

## **Relatório de Estágio na revista Anais de História de Além-Mar**

**André Real Morgado**

### **Resumo**

O presente relatório procura descrever o estágio por mim realizado na revista Anais de História de Além-Mar, entre os meses de Setembro e Dezembro de 2012.

Além da descrição das actividades realizadas, procurei enquadrar a edição de revistas científicas no mundo mais vasto da edição, tentando analisar as suas particularidades e as suas dificuldades. Procurei ainda reflectir sobre o modelo editorial interno destas e o papel do editor científico enquanto peça fundamental na sua edição. Tentei ainda entender a função social destas publicações como meio de transmissão e difusão do conhecimento científico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Edição Científica, Revistas Cientificas, Edição de Texto

### **Abstract**

This report seek to describe the activities made in the internship that I conducted in the journal Anais de História de Além-Mar, between the months of September and December of 2012.

Besides the description of my activities, I've sought to frame the issue of scientific journals in the wider world of publishing, by analyzing its elements and its difficulties. I've searched to reflect on their internal publishing model and the role of scientific editor in its edition. I've also tried to understand the social function of these publications as a means of transmission and dissemination of scientific knowledge.

**KEYWORDS:** Scientific Edition, Scientific Journals, Editorship

## Índice

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                       | 5  |
| 1 – As revistas científicas.....                      | 6  |
| 1.1 – Uma especificidade editorial.....               | 9  |
| 1.2 – O papel do editor e o sucesso editorial.....    | 11 |
| 1.3 – Publicação digital.....                         | 14 |
| 1.4 – Normas editoriais.....                          | 16 |
| 2 – Anais de História de Além-Mar.....                | 18 |
| 2.1 – A edição dos Anais de História de Além-Mar..... | 19 |
| 3 – Tarefas desempenhadas.....                        | 22 |
| 3.1 – Reorganização dos arquivos das revistas.....    | 22 |
| 3.2 – Acompanhamento final de provas.....             | 24 |
| 3.3 – Elaboração de documentos internos.....          | 25 |
| Conclusão.....                                        | 27 |
| Bibliografia.....                                     | 29 |
| Anexos.....                                           | 32 |

## Introdução

O presente relatório apresenta uma reflexão sobre o estágio por mim realizado entre os meses de Setembro e Dezembro de 2012, na revista *Anais de História de Além-Mar* (A.H.A.M), publicação do Centro de História de Além-Mar, no total de 400 horas, como parte da componente não-lectiva do mestrado em Edição de Texto. É uma revista de divulgação e aprofundamento científico da área da história da expansão portuguesa, orientada para um público selecto de especialistas e investigadores desta área temática. Realizei várias funções dentro desta publicação, nomeadamente na organização dos seus arquivos e na preparação dos textos editados. Foi-me pedido que revisse as provas do número XII, em ultimação aquando do meu estágio; que organizasse os seus arquivos e que sistematizasse o seu processo editorial através da elaboração de diversos fluxogramas.

Durante a realização deste estágio tomei contacto com uma vertente peculiar do mundo editorial: a edição científica, mais exactamente a edição de revistas científicas. Assim, além da descrição das tarefas realizadas, parte deste relatório passará igualmente por uma reflexão sobre este sector editorial e sobre o papel do seu editor de uma, e ainda identificar as suas especificidades. Procurei igualmente reflectir sobre os desafios da publicação digital na edição de revistas científicas e sobre o que significaria ser bem-sucedido num contexto editorial em que o número de vendas não é o factor mais relevante. A última parte deste relatório descreve o processo de edição dos A.H.A.M. e as várias tarefas por mim desempenhadas.

## 1 – As revistas científicas

Historicamente, as origens destas publicações podem ser traçadas até ao século XVII, mais propriamente ao ano de 1665, quando surgem com alguns meses de intervalo o *Journal des Sçavans*, em França, e a revista *Philosophical Transactions of The Royal Society of London*, em Inglaterra. Esta última irá servir de modelo para as revistas científicas posteriores ao relatar experiências científicas e ao adoptar um sistema de avaliação por pares (*peer-review*). Esta forma de comunicação tornar-se-á com o tempo preponderante no seio da comunidade científica, que até aí comunicava as suas descobertas através de correspondência pessoal e de actas de reunião, métodos que contudo continuaram a ser usados<sup>1</sup>.

Estas publicações assumem uma importante função social, na medida em que a sua edição permite a partilha e divulgação de investigações nos vários campos do saber científico, pois recolhem os artigos, avaliam-nos e posteriormente dão-nos a ler. Por norma, a sua especialização reflecte o tipo de investigação realizado pelas unidades científicas em que está sediada. Tendo em conta que importa fundamentalmente assegurar a validade e a qualidade dos artigos publicados, sob pena de as instituições ligadas à sua edição perderem credibilidade, os sistemas de controlo de qualidade que envolvem a edição de publicações científicas são por isso bastante apertados. São por norma editadas de uma forma espaçada, um ou dois exemplares por ano. No entanto, existem excepções, com revistas a conseguirem uma periodicidade quadrimestral ou trimestral. Este intervalo temporal explica-se principalmente pelos processos de selecção e avaliação dos artigos propostos, garantidores da validade científica dos textos publicados que embora variem consoante as revistas consistirão em várias avaliações, feitas por diversos especialistas não pertencentes, na sua maioria, à instituição que a edita. Outro dos factores que influi para este espaçamento é a acumulação das funções de edição com as de investigação ou de ensino, não podendo por isso haver uma dedicação exclusiva à revista. Uma periodicidade espaçada pode resultar igualmente de uma decisão editorial que

---

<sup>1</sup> GOMES, Valdir Pereira, «O editor de revista científica: desafios da prática e da formação», *Londrina*, Volume 15, Número 1, [s.l.], Julho-Junho de 2010, pp. 148-152.

implique a publicação de um menor número de artigos, de modo a publicar um conjunto de artigos mais relevantes.

Por norma estas revistas são editadas por centros de investigação apoiados por universidades e tendo frequentemente por responsáveis editoriais os próprios investigadores desses centros, embora possam ser igualmente editadas por associações corporativas ou profissionais, sociedades científicas, entre outros organismos. As publicações daí resultantes são fundamentais não só como meio para publicar investigações, mas principalmente como forma de granjear prestígio académico para as instituições que a apoiam e para os envolvidos na sua edição. São financiadas por fundos das universidades/institutos e ainda por fundos estatais e/ou comunitários (no caso de países membros da União Europeia) ou por recurso ao mecenato. A venda avulsa e o seu sucesso económico não são um dos seus objectivos primordiais, nem poderia ser, dado o restrito número de leitores a que se dirige. Assim sendo, a manutenção destas publicações baseia-se sempre na contribuição financeira externa à revista. Contudo, registe-se que nos casos em que se torne mais conhecida e preponderante dentro da sua área, extravasando os limites da academia, poderá eventualmente ser independente em termos financeiros.

O público-alvo é predominantemente constituído por investigadores ou estudantes universitários, que usam estas publicações como fonte de informação para os seus estudos, sendo por isso especializado e diminuto. Os textos publicados, de carácter mais complexo, também explicam a reduzida dimensão do conjunto de leitores. Nestas considerações deve-se sempre ter em conta a existência de títulos que possam extravasar esta limitação e possuir um público alargado podendo ser referências importantes nas suas áreas. Assim, está arredado da sua leitura o grande público, quer pela especificidade dos textos editados, quer pela formação necessária à sua leitura. Tendo em conta este público-alvo não é necessário uma modificação do discurso de forma a torná-lo mais apelativo e legível a alguém que não seja o seu típico leitor.

Deve-se diferenciar estas revistas, que embora de divulgação científica, contêm em si uma forte característica de aprofundamento científico, dirigida a um público especializado, das revistas de divulgação científica, dirigidas a um público mais vasto. Um exemplo deste tipo de periódico editado em Portugal seria a *National Geographic*,



de cariz generalista. Dentro da área de História, e à excepção do suplemento da Visão, Visão – História, não são actualmente editados publicações deste género, não obstante, encontram-se à venda publicações importadas, maioritariamente francesas e espanholas, como por exemplo: *L' Histoire*, *Historia y Vida*, entre outras. Entre 1978 e 2007, uma revista deste género foi publicada em Portugal, a História.

Embora na sua essência partilhem objectivos semelhantes, a divulgação científica, o seu público-alvo e a forma como esta divulgação é feita afecta fortemente a materialidade destas publicações, diferenciando-as. Assim, as revistas científicas de divulgação e aprofundamento pautam-se pela extensão e profundidade de análise dos textos publicados, que veiculam as conclusões de investigações e estudos realizados. Por sua vez, as revistas de divulgação publicam artigos escritos numa linguagem jornalística, apresentando sínteses sobre a temática do artigo em questão, que pode ou não ser escrito por especialistas. O aparato crítico, notas e bibliografia, que abundam nas primeiras, nas segundas é já praticamente inexistente. Também nas críticas a novos livros, função importantíssima e fundamental na divulgação de novos trabalhos de investigação, se notam grandes diferenças, com as revistas de aprofundamento a adoptarem um modelo de crítica eminentemente analítica, com várias páginas e remissão para outros trabalhos dentro da mesma temática, situando o livro em análise face a estes. As revistas de divulgação adoptam um modelo de crítica mais curto, concentrado no livro analisado mais facilmente assimilável por leitores não especialistas, e não exigindo tanto tempo de leitura. Apresentam ainda uma variedade de material que desaparece ou é quase inexistente das revistas de aprofundamento, como a publicação de um grande número de fotografias e imagens, tornando mais apelativa a edição; publicidade; textos divulgativos de exposições ou outras actividades relacionadas com a área temática da revista, bem como artigos de opinião. Todas estas características as fazem aproximar do modelo editorial das revistas jornalísticas generalistas, com a particularidade de se dedicarem à divulgação da ciência, seja no geral, ou de um campo em particular.

As grandes diferenças encontradas nestes dois géneros de publicação devem-se fundamentalmente ao seu público-alvo e à questão do seu financiamento. Se nas revistas de divulgação e aprofundamento se dirigem a um pequeno número de leitores, possuindo financiamento institucional, as de divulgação constituem empresas

comerciais, dirigindo-se a um público mais alargado, como forma de potenciar os seus lucros e garantir a viabilidade do projecto. Sendo assim, tentarão chegar a um leitor com uma maior formação, interessado por isso em conteúdos com maior profundidade, mas não especialista, que pretenda instruir-se, alargando os seus conhecimentos das temáticas publicadas por dada revista. A procura de um maior número de leitores dentro deste público-alvo, faz-se não só pela simplificação da linguagem, mas igualmente pelo alargamento das temáticas, tornando assim a sua leitura mais atractiva a um maior número de pessoas. Numa análise pelas edições de Fevereiro/Março de 2013 das revistas, *L' Histoire*, *Historia y Vida* e *National Geographic – Edição Portuguesa*, constata-se facilmente esse alargamento. Assim, nas duas primeiras, especializadas na divulgação de temas históricos, os textos publicados remetem para diversos períodos da vincenda humana, enquanto na *National Geographic* se publicam temas que vão desde as Ciências Sociais às Naturais, passando ainda pela fotografia, entre outros.

### 1.1 – Uma especificidade editorial

A edição de texto divide-se em vários géneros consoante o tipo de edição, os seus objectivos, o público a que se destina ou a entidade responsável pela edição. Nesta actividade, a edição do livro impresso é apenas um de entre muitos objectos a ser editado, nomeadamente: jornais, material publicitário, livros electrónicos, sítios na Internet, entre outros. Basicamente, tudo aquilo que envolve o trabalho para a apresentação de um texto para uso público. Pode-se assim constatar que a edição de livros, ficção ou não-ficção, é somente uma das vertentes de aplicação do termo «edição de texto» e apenas uma das vertentes onde os conhecimentos adquiridos num mestrado desta área se podem aplicar. O tipo de edição feita e a forma como ela se faz vai depender sempre do público-alvo, generalista ou especializado - ocupando neste caso diversos nichos de mercado. A entidade responsável pela edição vai igualmente interferir no seu resultado final. A edição pode ter fins comerciais, de divulgação científica ou de propaganda política/religiosa, o que altera o objecto editado e a sua divulgação. A junção de todos estes factores vai desembocar no último tópico: os objectivos da edição. Assim esta pode ser comercial ou não, generalista ou

especializada, servir objectivos de intervenção social ou simplesmente de carácter lúdico.

Todas estas considerações são essenciais para a compreensão dos principais sectores onde intervém a edição de texto, a saber: o mundo do livro e o mundo da imprensa, ou o que hoje se denomina por «produção de conteúdos». Distinguindo estes géneros teríamos considerações de ordem física do objecto, e de ordem imanente do mesmo, como seja o tipo de texto editado e os seus objectivos.

O livro, dado o seu papel fundamental na história da humanidade e a sua complexidade interna, apresenta grandes dificuldades de definição. Segundo a definição do ISBN (*International Standard Book Number*) «é toda a publicação não periódica com um mínimo de quarenta e cinco páginas e que esteja sujeita a depósito legal»; para a ISO (*International Organization for Standardization*) «é uma publicação impressa, não periódica, com mais de quarenta e oito páginas, sem incluir as da capa, que constitui uma unidade bibliográfica». O *Dicionário do Livro* acrescenta ainda: «conjunto de cadernos, manuscritos ou impressos, cosidos ordenadamente e formando um bloco»<sup>2</sup>. A não periodicidade, a unidade e o aspecto exterior são os pontos a reter na definição de livro.

Os dois principais objectos editados no mundo da imprensa são os jornais e as revistas. Os jornais podem ser definidos como «uma publicação em série editada com intervalos muito curtos, que fornece as informações mais recentes sobre a actualidade acompanhada ou não de cumentários»; em termos materiais é «constituído por folhas soltas (geralmente não grafadas nem coladas)»<sup>3</sup>, o que já não se verifica em muitos casos. Quanto à revista podemos considerá-la uma «publicação periódica, de frequência não diária, editada ou não em cadernos, que tem por objectivo seleccionar, resumir, comentar e desenvolver factos e informações actuais ou históricas consideradas de interesse para a sua área específica; o que a distingue das outras publicações periódicas como os boletins, semanários, etc. é a sua apresentação: é habitualmente de menor tamanho que os periódicos e o seu aspecto gráfico é de melhor qualidade que o dos boletins, tendo geralmente maior número de folhas, capas

---

<sup>2</sup> Faria, Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, *Dicionário do Livro. Da Escrita ao Livro Electrónico*, Coimbra, Almedina, 2008, p. 763.

<sup>3</sup> Idem, *Ibidem*, p. 697.

de papel ilustrado, impressão a cores, etc.»<sup>4</sup>. Podemos assim considerar que a característica base das publicações de imprensa é a periodicidade.

Para a revista científica, o Dicionário do Livro dá a seguinte definição: «publicação periódica especializada cujo conteúdo é constituído por temas relacionados com as diferentes ciências, que são tratados em profundidade e com preocupações didáctico-pedagógicas»<sup>5</sup>. A estes aspectos internos há ainda a acrescentar a materialidade exterior do objecto que imita a do livro, colocando-a numa posição intermédia entre este e a imprensa, dada a sua periodicidade. Ao se delinear o perfil de um determinado projecto para uma publicação deste género, escolhe-se um nome concordante com esse mesmo perfil, elaborando-se um modelo de apresentação gráfica que seja adequado. Estes três elementos acabam por confluir ao longo do tempo, acabando por criar uma identidade própria na publicação. Consequentemente, cada número editado deixa de ser um simples agregador de artigos para se tornar igualmente numa parte integrante de uma série, com identidade e história própria que se prolonga ao longo do tempo. As revistas científicas têm, deste modo uma posição peculiar no mundo editorial

## 1.2 – O papel do editor e o sucesso editorial

O editor, nos diversos tipos de publicação em que trabalha, terá sempre de adoptar e de assumir um papel conforme às características do seu projecto. É por isso inviável uma generalização sobre o papel desempenhado pela figura do editor. O seu comportamento altera-se conforme esteja á frente por exemplo, de um projecto editorial de cariz generalista, ou seja responsável pela edição de uma revista científica. Desempenha aqui uma função essencial pois assume-se como um dos principais divulgadores do conhecimento científico, assumindo igualmente um papel fundamental na promoção da carreira dos investigadores publicados. Insere-se assim num contexto social alargado, onde se incluem os autores, avaliadores, conselho editorial, a própria revista e seus patrocinadores, leitores e universidades [Anexo 4].

---

<sup>4</sup> Idem, Ibidem, p. 1088.

<sup>5</sup> Idem, Ibidem, p. 1088.

Como já foi referido, a responsabilidade da edição deste género de publicação recai sobre os próprios membros dos centros de investigação. A escolha dos artigos a publicar deverá estar sob a alçada de um grupo consultivo (que poderá tomar várias designações), cabendo ao editor o acompanhamento do artigo até à sua publicação, responsabilizando-se pela coordenação das avaliações externas e das revisões. Será maioritariamente uma função de «*editing*», no sentido de ser aquela que trabalha o texto e não de «*publishing*», função que consiste principalmente na escolha dos textos a publicar feita pelo conselho de redacção, embora esta distribuição de tarefas dependa sempre da organização interna da revista, podendo dar-se o caso de acumular as duas funções.

Uma das tarefas mais importantes do editor científico será a gestão das propostas de publicação, bem como a definição do programa editorial do projecto. Deve por isso esforçar-se por manter um bom tempo de avaliação das propostas e da sua edição, bem como manter um bom nível de comunicação com os autores e os avaliadores. Deve igualmente disponibilizar de forma clara as normas editoriais, bem como procurar promover a revista nos canais apropriados. Deste modo aumentará a visibilidade e a reputação do seu projecto, seja por via oficial (instrumentos de medição do seu impacto), seja por contactos individuais, ou ainda pela notoriedade alcançada através do meio digital. Isto irá por sua vez resultar num aumento de artigos propostos, permitindo uma escolha mais selectiva e de melhor qualidade, o que aumentará por sua vez a visibilidade e os recursos a investir na revista. Cria-se assim um ciclo positivo, aumentando o impacto da revista e dando resposta aos interesses dos diversos actores da rede em que editor e edição estão inseridos.<sup>6</sup>

A publicação científica assume a dupla função de disseminação do conhecimento científico e de promoção do nome do respectivo investigador. Esta disseminação é tanto maior quanto maior for o número de publicações editadas e o número dos seus leitores, levando por sua vez a uma maior promoção do investigador. Torna-se necessário avaliar da forma mais correcta possível o sucesso da revista de modo a situá-la no contexto mais alargado de publicações disponíveis para dada área.

---

<sup>6</sup> AGUINIS, Herman and VASCHETTO, Sofia J., «Editorial Responsibility: Managing the Publishing Process to Do Good and Do Well», *Management and Organization Review*, Volume 7, Issue 3, [s.l.], 2011, pp. 412-417.

Deve-se assim fornecer aos vários intervenientes envolvidos na sua edição, a avaliação o mais real possível do seu trabalho e no caso dos autores a mais-valia que retiram da escolha de uma dada publicação para serem editados. Uma das formas de avaliação do sucesso desta mesma disseminação é feita através do Índice do Factor de Impacto (I.F.I) que é calculado pela divisão entre o número de citações obtidas no ano corrente pelo número de artigos publicados nos dois anos consecutivos anteriores.<sup>7</sup>

O I.F.I pode ser incrementado através da publicação de artigos com maior possibilidade de impacto e pela presença da revista em bases de dados internacionais, como a SCOPUS, ERIH ou a EBSCO. Passa então pelo editor a função de aumentar a visibilidade da revista aumentando a qualidade dos trabalhos publicados de modo a satisfazer os parâmetros requeridos para a integração nessas bases. Parte igualmente dele a correcta definição – por sugestão ao autor – dos elementos que permitam o destaque dos artigos publicados, ou seja, ter atenção a uma correcta definição do título, do resumo e das palavras-chave, pois é através destes elementos que o potencial leitor chegará ao texto, que deverão fornecer informações claras e concisas acerca do artigo, levando à sua leitura. Uma incorrecta formulação destes levará o texto em questão ao esquecimento.

A medição do I.F.I terá sempre de ser contextualizado consoante o tipo de tema que trate, pois há áreas de investigação mais propensas ao debate, por suscitarem um maior interesse, que outras, não sendo pois correcta uma comparação entre duas revistas de temas diametralmente opostos. Outro factor a ter em conta será a língua do artigo publicado, pois esta restringe sempre o público a que se destina. O uso do Inglês pode ser tido como ideal pois permite chegar a uma grande número de leitores, dado ser a língua franca do mundo contemporâneo. Não obstante, o uso exagerado do Inglês acarreta dificuldades, nomeadamente na secundarização das línguas locais, bem como na exagerada simplificação do próprio Inglês e num mau uso do mesmo, levando à publicação de artigos linguisticamente pobres, prejudicando a imagem de quem os publica.

---

<sup>7</sup> GOMES, *Ibidem*, p. 154.

### 1.3 – Publicação digital

Com o advento da Internet, a edição científica alterou-se substancialmente, de modo a responder aos desafios colocados por esta nova forma de comunicação. A publicação digital, ao ser um meio diferente do impresso, afecta grandemente os vários vectores que influem na edição do texto, neste caso do texto científico, podendo-se afirmar que a «revolução do texto electrónico é ao mesmo tempo uma revolução da técnica de produção e de reprodução dos textos, uma revolução do suporte da escrita e uma revisão das práticas de leitura»<sup>8</sup>. O editor de revistas científicas deverá tomar em consideração todos estes aspectos na altura de formular um modelo de publicação digital do projecto em que se veja envolvido.

A edição electrónica assume diversos formatos que vão desde o simples sítio até aos *CD-ROMS* ou *DVDs*, e onde o livro electrónico é somente uma das possibilidades editoriais. Para o caso das revistas científicas de aprofundamento será sobre este último que importa analisar com maior profundidade. O livro electrónico pode ser visto como uma simples transposição do impresso para o digital, permitindo a apresentação do texto em aparelhos específicos para o efeito. No entanto, pode igualmente ser visto como um objecto mais complexo, onde além da vertente textual, apresente também características próprias do meio digital, tais como: elementos audiovisuais, ligações para conteúdos externos ou para referências textuais internas no próprio documento. Esta formulação do livro electrónico vai alterar substancialmente a apresentação e a experiência de leitura face ao livro impresso, ou face a uma versão digital simplificada deste.

Embora haja uma enorme pressão para se efectuar a transição do modelo impresso para o modelo digital, há igualmente uma enorme resistência à efectuação desse mesmo passo, devido às características específicas de cada um dos modelos em debate, impresso ou digital, das suas qualidades e dos seus defeitos. Entre as principais vantagens da edição digital encontram-se: a enorme capacidade de armazenamento e acesso à informação; a possibilidade de apresentação de documentos multimédia; a pesquisa rápida dentro dos próprios documentos; a ligação rápida para materiais relacionados; e a modificação e actualização dinâmica de conteúdos. Quanto ao papel,

---

<sup>8</sup> FURTADO, José Afonso, *O Papel e o Pixel*, Ariadne Editora, Lisboa, 2007, p. 12.

este apresenta as seguintes qualidades face ao digital: tangibilidade, permitindo experienciar o texto tanto com os olhos como com as mãos; flexibilidade espacial, ao permitir a interacção com mais de um documento (o digital está limitado ao documento apresentado no ecrã); maior facilidade em sublinhar, anotar ou acrescentar apontamentos; e ainda uma maior facilidade em manipular vários documentos em simultâneo. Conclui-se assim que a transição do impresso para o digital não é tão linear quanto à primeira vista se poderia pensar, pois «a interacção humana com as funcionalidades de uma máquina computacional é categoricamente diferente da interacção com um livro impresso».<sup>9</sup>, sendo que este não é pior, nem se torna obsoleto quando comparado com o electrónico, dado que ambos possuem qualidades e potencialidades específicas que os tornam compatíveis.

A presença na rede tornou-se um factor importantíssimo para o sucesso de uma revista científica, devido à necessidade de publicitação através da presença em sítios indexadores e da disponibilização *online* dos seus conteúdos feita através de três formatos diferentes: acessibilidade total dos textos publicados; acessibilidade parcial, disponibilizando números antigos ou alguns artigos; e ainda acessibilidade paga. A solução adoptada terá sempre em conta o modelo de financiamento e de funcionamento do projecto em causa. A Internet permite o acesso a um público potencial de milhares de leitores, em milhares de Universidades, enquanto anteriormente este acesso estaria limitado ao número de exemplares impressos e às bibliotecas onde estes estariam disponíveis. Deste modo, a publicação *online* equalizou o acesso às revistas científicas, permitindo-o em locais onde anteriormente seria impossível. Ao incrementar a visibilidade das publicações, aumenta-se igualmente a preponderância científica das mesmas e do material por elas publicado, podendo vir a ter maiores hipóteses de ser citado e de contribuir para a discussão científica da especialidade. Um outro factor de mudança é a possibilidade de se estabelecerem redes alargadas de contactos, permitindo o recebimento de propostas vindas de sítios distantes de uma forma extremamente rápida, e tornando igualmente rápidas as comunicações com os diversos colaboradores da revista. É preciso ter em conta que antes do digital estas comunicações se processavam por meios analógicos (correio, fax, telefone) tornando muito mais demorado e complexo o processo editorial. A

---

<sup>9</sup> FURTADO, José Afonso, *Ibidem*, p. 118.



comunicação digital é um importante factor de simplificação da actividade editorial, porquanto a edição de um texto implica sempre um contacto e um intercâmbio intenso entre editor e autor.

Outro aspecto a considerar será a rapidez de publicação de um artigo na *Internet*. Nesta modalidade a publicação é mais rápida que na impressa, pois pode-se publicar os artigos individualmente sem esperar pela gráfica. Este processo poderá então levar apenas algumas semanas, ocorrendo de uma forma muito mais automatizada.

#### 1.4 – Normas editoriais

As normas editoriais são um aspecto fundamental na concepção e edição de uma publicação, especialmente de uma revista científica. Tendo em conta que, se por um lado constitui uma unidade bibliográfica, carecendo por isso de uma uniformização editorial, e por outro lado é composta por textos de vários autores e por vezes referentes a diversas temáticas, por isso as normas editoriais permitem uma uniformização da escrita, contribuindo para uma edição mais sólida e estruturada.

Para se uniformiza o texto é necessário salvaguardar os artigos escritos noutras línguas, seguindo os critérios próprios de cada uma. Deve-se ter em conta que não existe uma regra geral sobre a utilização desses mesmos critérios, pelo que há várias normas possíveis. Ao se escolher uma determinada norma esta deve ser mantida de modo a uniformizar o resultado final. A escolha cabe aos responsáveis editoriais de cada publicação, e por isso se nota uma grande variabilidade de normas em revistas da mesma área.

É comum as revistas científicas disponibilizarem as suas normas nos seus sítios *on-line* e nas suas próprias publicações. A sua apresentação de uma forma simples e coerente é vital para a sua edição, ao fornecer um guia aos autores interessados em colaborar com a revista, para a publicação dos seus textos. Evita-se assim uma maior discrepância entre as propostas apresentadas e o modelo final de edição, facilitando a sua edição. Estas normas apresentam uma série de informações vitais sobre as regras de citação, de apresentação bibliográfica, de inserção de imagens, do tipo e tamanho de letra permitidos e da extensão máxima de texto publicável.

As principais diferenças situam-se nas regras de citação e de apresentação bibliográfica. Aqui comparo as normas da A.H.A.M. com as da Análise Social (A.S) e as da Revista de História da Faculdade de Letras do Porto (H.F.L.U.P). Uma primeira diferença diz respeito às referências bibliográficas presentes nas notas de rodapé, com a Análise Social a prescindir das mesmas através da citação no próprio corpo do texto, seguindo o seguinte modelo: «Pinto (2002) ou Pinto (2002, pp. 32-33); Pinto (2002a), quando referentes a mais de um título do mesmo autor e ano; Pinto et al. (2002), quando referentes a obras colectivas»<sup>10</sup>, remetendo-as para a bibliografia. Tanto a A.H.A.M como a H.F.L.U.P seguem uma norma mais tradicional, com a citação a ser remetida para as notas de rodapé, apresentando aí o mesmo modelo de referenciação bibliográfica presente também na respectiva bibliografia.

O modelo de apresentação das entradas bibliográficas costuma variar bastante de revista para revista, mantendo no entanto certos elementos informativos, tais como: nome do autor, título, data, local, editora. A forma como estes elementos são apresentados vai variando consoante as normas seguidas e o tipo de publicação a que se referem. Tomando por base a norma da A.H.A.M (autor, título – em itálico, local, editora, data), vemos que as outras duas revistas seguem regras distintas desta. A Análise Social coloca a data entre parêntesis, depois do nome, enquanto a H.F.L.U.P dispõe os elementos de pé de imprensa entre parêntesis após o título. Apesar das variações entre as três, todas elas estão correctas, importando somente manter a coerência na sua utilização.

---

<sup>10</sup> [http://analisesocial.ics.ul.pt/?page\\_id=30](http://analisesocial.ics.ul.pt/?page_id=30)

## 2 – Anais de História de Além-Mar

A A.H.A.M. é uma das revistas associadas ao Centro de Investigação de História de Além-Mar (C.H.A.M.), ligado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e à Universidade dos Açores, contando actualmente com doze números editados. Foi fundada no ano de 2000, sob a direcção de Artur Teodoro Matos. Nos dias de hoje é dirigida por João Paulo de Oliveira e Costa. Actualmente encontra-se numa fase de reestruturação, pretendendo-se atingir uma periodicidade bianual, de modo a satisfazer os mais exigentes critérios de qualidade das organizações internacionais de indexação de revistas académicas. Mantém desde a sua fundação que uma periodicidade anual.

A actividade de investigação científica do C.H.A.M. orienta-se para a história da expansão portuguesa. Tendo em conta esta especialização, a A.H.A.M publica artigos sobre temas situados cronologicamente entre o século XV e o século XX, desde que tenham por tema-base a história da expansão portuguesa. A língua maioritária dos textos publicados é o Português, embora sejam igualmente editados textos em Inglês, Francês e Espanhol, que são as línguas permitidas pelas normas editoriais da revista, notando-se igualmente uma grande presença de artigos oriundos de investigadores brasileiros.

Actualmente, número XII, a revista tem como base editorial duas secções principais: uma de artigos e uma outra de resenhas. Apresenta ainda outras secções secundárias, onde divulga notícias das actividades e projectos do C.H.A.M, e onde publica fontes. Esta última é de realçar, pese embora não esteja presente em todos os números, ao assumir uma enorme importância no meio da investigação historiográfica por publicar fontes até então inéditas, conjuntamente com um pequeno estudo das mesmas. Opta-se pela publicação nos A.H.A.M. quando estas não possuem tamanho suficiente que justifique a sua edição em livro próprio. Apresenta ainda os resumos dos artigos publicados, os procedimentos editoriais e as normas para a apresentação de textos. Materialmente a sua edição é cuidada e os seus volumes são grandes, quando comparados com outras revistas do género, rondando as quinhentas páginas.

## 2.1 – A edição da Anais de História de Além-Mar

A edição da A.H.A.M é um processo complexo que, à imagem de outras revistas do género, envolve um grande número de pessoas, desde o conselho de redacção, o coordenador do conselho de redacção, os avaliadores externos, os revisores e os autores.

As propostas de edição chegam ao conselho de redacção tanto por iniciativa dos autores, como por convite dos seus membros. As relações e contactos que se efectuam em colóquios e outras actividades do género servem para divulgar o nome da revista e estabelecer pontes com investigadores não ligados ao C.H.A.M. para que contribuam com os seus textos. Como mencionado anteriormente, o esforço de divulgação do projecto é um dos vectores essenciais para o seu sucesso. A A.H.A.M publica artigos tanto de investigadores ligados ao C.H.A.M como de investigadores externos. O contributo destes últimos, segundo critérios internacionais de avaliação científica, deverá ser de pelo menos 30/40 % do total, abrindo-se assim ao exterior. Esta imposição surge da necessidade dos centros de investigação participarem no trabalho e discussão realizados fora deles, impedindo ou tentando impedir formas de endogamia científica.

Entre a vasta panóplia de artigos recebidos nem todos estão em condições de serem editados, seja pela sua fraca qualidade seja por não se integrarem na temática da revista. Esta primeira avaliação das propostas cabe ao conselho de redacção, passando os artigos numa segunda fase pelo crivo da arbitragem científica, através de avaliadores externos (*referees*). Os textos escolhidos e avaliados positivamente são submetidos a um longo processo de edição, para garantir a maior qualidade e a maior uniformidade editorial possível da revista. São estes processos de avaliação e edição que permitem acrescentar um maior valor à publicação, contribuindo para o aumento da sua visibilidade e da sua importância para a discussão científica.

A arbitragem científica assume uma importância determinante no âmbito da edição académica, pois cabe-lhe garantir que os artigos propostos têm qualidade, interesse e seriedade científica bastante para verem a luz do dia. Para garantir a seriedade da avaliação, a mesma segue um processo longo e complexo, sendo feita por dois especialistas dos temas em análise, assegurando-se a sua imparcialidade

através do anonimato tanto do autor como dos avaliadores (*double-blind review* ou *evaluation*). O envio dos textos para os avaliadores deve-se processar sempre com o máximo cuidado possível, para que estes cheguem às suas mãos sem que a marca de autoria seja notada, seguindo igualmente uma ficha-tipo para proceder à sua avaliação, facilitando a recepção e leitura das avaliações, após as quais poderão ocorrer diferentes cenários. O primeiro, é o parecer positivo por parte dos dois avaliadores, seguindo o texto para publicação. No cenário oposto, ambos os pareceres são negativos, pelo que o artigo é automaticamente rejeitado. Por norma as avaliações encontram-se no ponto intermédio: positivas mas com ressalvas. Para que o artigo seja publicado dever-se-á primeiro corrigir eventuais erros ou determinados aspectos do artigo (actualização da bibliografia, ajustes de enfoque, melhoria da redacção, mudança de título, entre outros), de modo a melhorar o resultado final. Este modelo resulta num importante contributo científico, pois permite ao investigador tomar contacto com opiniões qualificadas e assim melhorar o resultado final das suas investigações. Por vezes, dá-se o caso de existirem dois pareceres antagónicos, quando tal ocorre, o artigo poderá seguir para um terceiro avaliador, que podendo ter em mãos as primeiras avaliações, irá desempatar-las. Em todo o caso, e durante todo o processo, a responsabilidade final da edição será sempre do Conselho de Redacção.

O modelo de avaliação externa é moroso, pois implica a selecção e contacto de avaliadores, a sua aceitação ou recusa, levando a uma nova escolha, o envio dos artigos, a avaliação propriamente dita, a posterior incorporação das emendas por parte do autor e eventualmente um novo envio para o avaliador. Todas estas acções levam muito tempo, pois nem sempre os avaliadores respondem prontamente ao contacto e fazem imediatamente a avaliação e envio das suas conclusões. A resposta do autor, incorporando as alterações sugeridas, demorará ainda mais um pouco. Chega-se assim à conclusão de que o processo de arbitragem científica é um dos passos que mais contribui para a demora da publicação da revista. É todavia essencial para assegurar a qualidade final do texto publicado.

Após este passo estar concluído, o editor vê-se a braços com a totalidade dos artigos a publicar, passando de seguida para a revisão dos textos, feita por contrato com um revisor. O processo de revisão é mais complicado do que se poderia pensar pois implica uma constante interacção entre o revisor, o coordenador do conselho de

redacção e o autor, de modo a que se consiga atingir o melhor resultado possível. Este processo é tanto mais difícil quanto o texto apresente muitos problemas de início tornando a revisão mais morosa. No fim desta primeira revisão os artigos seguem para a gráfica, que reenvia depois as provas tipográficas. Nesta fase, dá-se uma última oportunidade aos autores para reverem o seu trabalho, procedendo-se de seguida a uma nova revisão, centrada nas questões de hifenização e de uniformização gráfica dos textos. As erratas dessas correcções são então enviadas à gráfica, que corrige o texto e monta a versão final da revista. Esta é novamente revista, procurando despistar possíveis erros que ainda persistam. Os resultados desta última revisão são incorporados pela gráfica, que após confirmação do coordenador do conselho de redacção procede à impressão do volume.

Paralelamente ao processo de edição do miolo da revista, ocorre um outro, o da concepção da capa. Tendo em conta as características não-comerciais deste género de edição, certas considerações acerca do seu valor como forma de apelar ao público não são aqui válidas, embora deva ser esteticamente agradável. A sua principal função é a de fornecer, de forma clara, informações relativas aos apoios e instituições envolvidos na sua publicação. A capa da A.H.A.M. mantém no geral o mesmo formato desde a sua fundação, divergindo apenas nas cores usadas. As principais preocupações residem na confirmação da correcta apresentação dos apoios institucionais e respectivos logotipos, e ainda na garantia de que as cores escolhidas não interferem com a leitura dos tipos de letra utilizados. O uso do mesmo modelo de capa garante uma identidade, uniformidade e continuidade à revista ao longo do tempo.

### 3 – Tarefas desempenhadas

Realizei ao longo do estágio três tarefas principais: a organização de arquivos, a revisão de provas e a formulação de documentos para uso interno da revista. A primeira tarefa foi a organização do arquivo impresso e do digital fazendo uma posterior relação do material arquivado. Dado que o meu estágio coincidiu já com a fase final da preparação do número XII da A.H.A.M., antes de seguir para a tipografia, pelo que a revisão de provas incidiu sobretudo nas questões de apresentação gráfica dos textos. Por último, após a análise das diversas etapas da revisão dos textos editados no último número, fiz três fluxogramas descrevendo: o percurso das propostas a editar, a relação entre a A.H.A.M. e a gráfica e a edição de *dossiers* temáticos. Elaborei ainda uma descrição dos dois primeiros.

#### 3.1 – Reorganização dos arquivos da revista

Os arquivos da A.H.A.M., tendo em conta que a revista existe há já 12 anos, são bastante extensos, dividindo-se entre um arquivo digital e um outro impresso. Este continha ficheiros da fase inicial da revista quando o uso do correio electrónico ainda não era tão frequente. A partir de uma dada altura a situação inverte-se, passando a ser preponderante o contacto por correio electrónico. A partir daí as suas comunicações, bem como a maioria do material enviado e recebido, encontram-se em formato digital. Dada a existência de dois tipos de ficheiros a arquivar, tomei uma abordagem distinta para os impressos e uma outra para os digitais.

Em relação à parte impressa as dificuldades foram mínimas. A sua extensão era diminuta (dois *dossiers*), pelo que me limitei a fazer uma relação do material e a confirmar se este se encontrava nos separadores correctos. Estava já previamente dividido por números editados, encontrando-se os documentos correspondentes a cada um em separador próprio. Eram aqui arquivados alguns contratos estabelecidos entre a revista e seus colaboradores (revisores, impressores e *designers*), embora a maior parte fosse de missivas trocadas entre o director ou a secretária da revista com os

autores. Havia ainda convites para participação na A.H.A.M., bem como artigos recebidos e respectivas provas.

Quanto à parte digital do arquivo, a persecução da minha tarefa foi bem mais difícil. Por um lado, a mesma encontrava-se separada sem qualquer critério em diversas pastas, e por outro lado, parte substancial da mesma encontrava-se no arquivo do seu correio electrónico, que contava com vários milhares de mensagens. De início procedi à reorganização dos ficheiros que já estavam nas pastas, de modo a ter uma base para posteriormente trabalhar com o correio electrónico. Assim, e seguindo o critério de arquivamento dos ficheiros impressos, dividi o material segundo os números da revista, e dentro destes segundo uma ordem temática. Assim dividi-os em «avaliações», onde constavam todos os ficheiros relacionados com os avaliadores, «provas» e «artigos». Passei então para a organização do material que se encontrava no correio electrónico. Pretendia encontrar as mensagens com valor para serem incorporadas no arquivo, ou seja, os convites feitos aos avaliadores e respectivas respostas, bem como os documentos anexos dos variados artigos (provas, fichas de avaliação, artigos enviados). Para as descobrir tive de ver as mensagens uma a uma. Depois deste trabalho de organização procedi à elaboração de uma lista dos documentos que aqui se poderiam encontrar.

No decorrer deste trabalho, encontrei uma colecção de documentos com todos os números da A.H.A.M. em versão PDF. O Doutor Tiago Miranda pediu-me então que confirmasse se estas digitalizações eram as versões finais da revista. Este trabalho imponha-se para a sua futura publicação digital, que teria assim parte importante do trabalho já realizado. O cotejo deveria ser feito com os números impressos, tomando atenção a certas particularidades como as tabelas ou as imagens. Assim conclui que a maior parte dos números não eram a versão impressa, mas que poderiam na mesma ser utilizados, pois as diferenças encontravam-se principalmente na questão da cor das imagens, ou dos textos iniciais de apresentação dos volumes, que não coincidiam – possivelmente por estes se inserirem em último. Os problemas detectados poderão ser resolvidos facilmente através da edição digital dos documentos em PDF, não sendo portanto necessário a sua digitalização de raiz.



### 3.2 – Acompanhamento final de provas

A revisão é talvez uma das actividades mais importantes embora seja também das mais invisíveis no mundo da edição. O valor de um texto pode ser avaliado em dois níveis: o primeiro relativamente ao conteúdo, aquilo que o texto efectivamente diz, o segundo em relação à forma, como o diz. Este último aspecto é muito importante, dado que uma má apresentação pode estragar o melhor dos conteúdos, dificultando a sua recepção. Por isso, uma boa revisão valorizará sempre o texto publicado, sendo particularmente importante para a edição de livros ou de revistas científicas, objectos que se pretendem mais perenes que outros tipos de edições e que por isso os erros de revisão os mancham inegavelmente, reduzindo o seu valor. Saliente-se ainda que uma boa revisão ajuda a melhorar a credibilidade do texto editado.

No caso da A.H.A.M. este trabalho é feito por um revisor externo, cujos resultados tive de analisar para efectuar as tarefas descritas no ponto 3.3. Depois desta análise, concluí que a revisão se deve orientar para a uniformização das normas editoriais e para o melhoramento da lógica e encadeamento de ideias, não esquecendo a correcção ortográfica e gramatical. Além do revisor, intervém igualmente o coordenador do conselho de redacção, ou um membro do conselho de redacção, especialista na área do artigo. A revisão efectuada por estes concentra-se sobretudo nos aspectos técnicos do artigo, procurando melhorá-lo – trabalho de *editing*. Conclui-se que a revisão não é um processo linear, mas antes triangular, numa dialéctica que envolve o coordenador do conselho de redacção, ou seu representante, o revisor e o autor. Na medida em que diferentes olhos vêem diferentes coisas, quantas mais pessoas participarem na revisão, existindo um controlo centralizado da mesma (assumido pelo coordenador do conselho de redacção), melhor será o resultado final.

Uma das maiores dificuldades na revisão de revistas científicas será a miríade autoral, levando a que cada texto exija uma abordagem diversa dado que uns estarão melhor escritos que outros, apresentando por isso problemas diversos. Nota-se que é necessário um esforço adicional na uniformização do texto, pois muitos trabalhos não o apresentam conforme às normas editoriais da A.H.A.M.

Após as correcções feitas pelos autores, coube-me a tarefa de fazer a verificação final das provas da revista. Este trabalho não poderia ser feito como se fosse a primeira revisão, que já havia sido feita. Os erros encontrados seriam muito menos, e de menor importância, nem se deveria exagerar no número de correcções, sob o risco de pequenas minudências levarem a maiores erros no resultado final da impressão. O meu trabalho incidiu especialmente na parte gráfica do texto: verificação de quebras de página, de erros de citação bibliográfica, da bibliografia, ou de incorrecções de tamanho na mancha gráfica. Obviamente que no caso de algumas gralhas serem encontradas durante o processo, estas deveriam ser corrigidas.

Apesar dos textos já terem sido alvo de várias revisões, foi ainda possível encontrar pequenos erros, sendo que os mais comuns eram as quebras de página, ou o uso de itálicos. Embora alguns autores não seguissem estritamente as regras editoriais definidas pela A.H.A.M., optou-se por manter a opção autoral, no caso de esta ser coerente, pois a sua substituição nesta fase final do processo poderia levar a maiores erros.

Após as provas terem sido enviadas para a gráfica procedeu-se a uma outra revisão, desta vez já não aos artigos individualmente, mas à versão final da revista, já montada. O enfoque desta nova revisão, à semelhança da anterior, foi a hifenização e a disposição gráfica do texto, procurando sempre despistar ao máximo os possíveis erros.

### 3.3 – Elaboração de documentos internos

Como último trabalho a realizar na A.H.A.M. foi-me pedido que analisasse através dos seus arquivos os processos pelos quais se chega à sua publicação, elaborando a partir daí três fluxogramas que os descreveriam. Deste processo surgiram três documentos relativos à edição da revista, à sua composição gráfica e à edição de *dossiers* temáticos.

A feitura destes documentos insere-se no projecto de renovação da A.H.A.M., que tem como principal objectivo a edição bianual. Tendo em conta o amadorismo da publicação, e por amadorismo entendo o facto de não haver ninguém a trabalhar exclusivamente para a revista, este é um objectivo de difícil realização. A edição era

até aqui feita sem um método definido, dando aso a diversos atrasos, estes documentos permitem sintetizar e guiar todo o processo, facilitando-o e acelerando-o. Trazem ainda uma nova visão e reflexão sobre o mesmo, o que de futuro pode levar ao seu melhoramento.

O primeiro fluxograma [Anexo 1] é relativo ao processamento das propostas de edição da A.H.A.M., efectuado em quinze passos distintos, desde o recebimento da proposta até à edição da mesma. O texto enviado é submetido a uma primeira avaliação, feita pelo conselho de redacção, onde se discute a pertinência do tema apresentado. No caso de uma avaliação positiva, o texto segue para avaliação externa, contactam-se os avaliadores qualificados para o efeito e omite-se as marcas de autoria do texto a enviar, comunicando-se posteriormente o parecer resultante ao autor. No caso de as avaliações serem positivas, define-se uma data para a incorporação dos ajustes sugeridos, seguindo o texto para revisão. Após a revisão, verificação por parte do autor e validação final, os textos são enviados para a gráfica que reenvia as provas, submetidas a uma nova revisão por parte do coordenador do conselho de redacção e do autor, procedendo-se posteriormente à impressão do volume.

O fluxograma seguinte [Anexo 2], referente ao processo de edição de *dossiers* temáticos é semelhante ao anterior. A grande diferença encontra-se no facto de o mesmo se iniciar pela mão do conselho de redacção, através da definição de um tema e o contacto com possíveis autores. Dado o tema estar já definido, a primeira avaliação debruçar-se-á não sobre a pertinência do tema, mas sobre a qualidade do texto apresentado, que no caso de uma avaliação positiva seguirá o normal percurso editorial. À data do meu estágio, a A.H.A.M. ainda não havia editado um *dossier* temático, pelo que a elaboração deste fluxograma pecou pela falta de experiência prática. Haveria ainda a aprofundar e rever vários pontos tratados, nomeadamente o da relação entre o coordenador do conselho de redacção e o coordenador do *dossier*.

O terceiro fluxograma [Anexo 3], relativo à composição gráfica, descreve dois processos distintos mas interlaçados, a composição do texto e da capa, intervindo além da equipa da A.H.A.M., a gráfica e o *designer*. Assim, à encomenda e avaliação do projecto de capa segue-se a definição do alinhamento geral e da ficha técnica e o seu envio para a gráfica. Daqui surgirão as provas dos textos e da capa que depois de revistas e validadas serão impressas.

## Conclusão

A função de um estágio é o de permitir ao estagiário a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos durante o ano curricular. O estágio que realizei na Anais de História de Além-Mar permitiu-me aplicar esses mesmos conhecimentos, nomeadamente ao nível da revisão de texto e da organização de arquivos, bem como reflectir teoricamente a área de edição em que a revista se situa, ou seja, o campo da edição científica.

A edição bem-sucedida de uma revista científica implica uma grande dedicação de tempo e de esforço, bem como uma constante reflexão sobre diversas questões editoriais, relativamente à revisão, à divulgação e à organização de um projecto editorial. O editor deve igualmente ter em atenção as diferentes expectativas dos vários intervenientes que confluem para a edição da revista. Não obstante o carácter especializado deste trabalho, o mesmo mantém a sua natureza predominantemente amadorística devido à acumulação de funções por parte dos seus responsáveis, situação que poderá prejudicar o projecto em causa.

A principal função de uma publicação deste género é a de contribuir para a pesquisa e discussão científica da sua área, assumindo o papel de intermediária entre o investigador e o leitor, com a particularidade de muitos destes serem também investigadores ou candidatos a investigadores, logo possíveis interessados na publicação de textos seus nessa mesma revista. Para que esta tarefa de intermediação seja levada a bom porto e para que os artigos publicados possam efectivamente contribuir para a discussão científica, os mesmos têm de ser lidos, e para isso têm de se dar a conhecer. A influência de determinado artigo é avaliada não pelo número de vendas da publicação, que por norma existe graças a apoios externos, mas pelo número de citações obtidas, medidas pelo Índice de Factor de Impacto. Um bom desempenho neste índice garante à revista um maior público e um maior número de propostas, ao tornar-se mais apelativa para publicação, aumentando assim a qualidade do material editado, o que aumentará por sua vez o Factor de Impacto, tornando a revista cientificamente mais preponderante.

Uma das particularidades da edição científica é o sistema de avaliação externa, condição essencial para manter o elevado nível de exigência deste campo editorial. O processo de avaliação dos artigos é moroso e complicado, envolvendo vários avaliadores que levam a diversas alterações textuais fazendo demorar a sua edição. A avaliação científica externa é no entanto vital para a publicação de textos relevantes, pertinentes e de qualidade.

Apesar das diversas singularidades e características próprias da edição científica que a afastam da edição mais comercial, onde em princípio um estudante saído de um mestrado em Edição de Texto esperaria ter o seu primeiro contacto com o mundo editorial, creio, no entanto, que o meu estágio se revelou frutuoso, pois permitiu-me aprofundar diversas questões que têm igualmente aplicabilidade noutras áreas editoriais, bem como treinar diversas valências em termos de revisão de provas que são transversais aos diversos campos editoriais. Do editor, seja qual for o género de publicação em que trabalhe, espera-se essencialmente que divulgue, torne público, o que edita, fazendo-o chegar ao máximo possível de leitores. Se tivermos em conta essa ideia vemos que a função de um editor científico é semelhante à de um editor comercial, pelo que a reflexão e atenção dada aos processos de tratamento de texto e sua divulgação ao longo deste estágio podem ser aplicadas a todo o mundo da edição.

## Bibliografia

### a) Obras Gerais;

CHARTIER, Roger e Reginaldo Carmello Corrêa MORAES, *A Aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*, UNESP: Imprensa Oficial, São Paulo, 1999.

FARIA, Maria Isabel e PERICÃO, Maria da Graça, *Dicionário do Livro. Da Escrita ao Livro Electrónico*, Coimbra, Almedina, 2008.

FERREIRA, António Manuel (org.), *Ofícios do Livro*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2007.

FURTADO, José Afonso, *Os Livros e as Leituras: Novas Ecologias da Informação*. Lisboa, Livros e Leituras, 2000.

GASKELL, Philip, *A New Introduction to bibliography*, Oak Knoll Press, New Castle – Delaware, 2009.

### b) Obras sobre edição

BAILEY, Herbert S., *The Art and Science of Book Publishing*, Ohio University Press, Athens, 1990.

CLARK, Giles, e PHILLIPS, Angus, *Inside Book Publishing*. London and New York, Routledge, 2008.

FURTADO, José Afonso, *O Papel e o Pixel*, Ariadne Editora, Lisboa, 2007.

MARTINS, Jorge Manuel, *Profissões do Livro – Editores e Gráficos, Críticos e Livreiros*, Lisboa, Verbo, 2005.

ZAID, Gabriel, *Livros de mais – Ler e publicar na era da abundância*, Lisboa, Temas e Debates, 2008.

### c) Artigos sobre edição científica

AGUINIS, Herman and VASCHETTO, Sofia J., «Editorial Responsibility: Managing the Publishing Process to Do Good and Do Well», *Management and Organization Review*, Volume 7, Issue 3, 2011, pp. 407-422.

(<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1740-8784.2011.00223.x/pdf>)

[Consultado a 27 de Novembro de 2012]

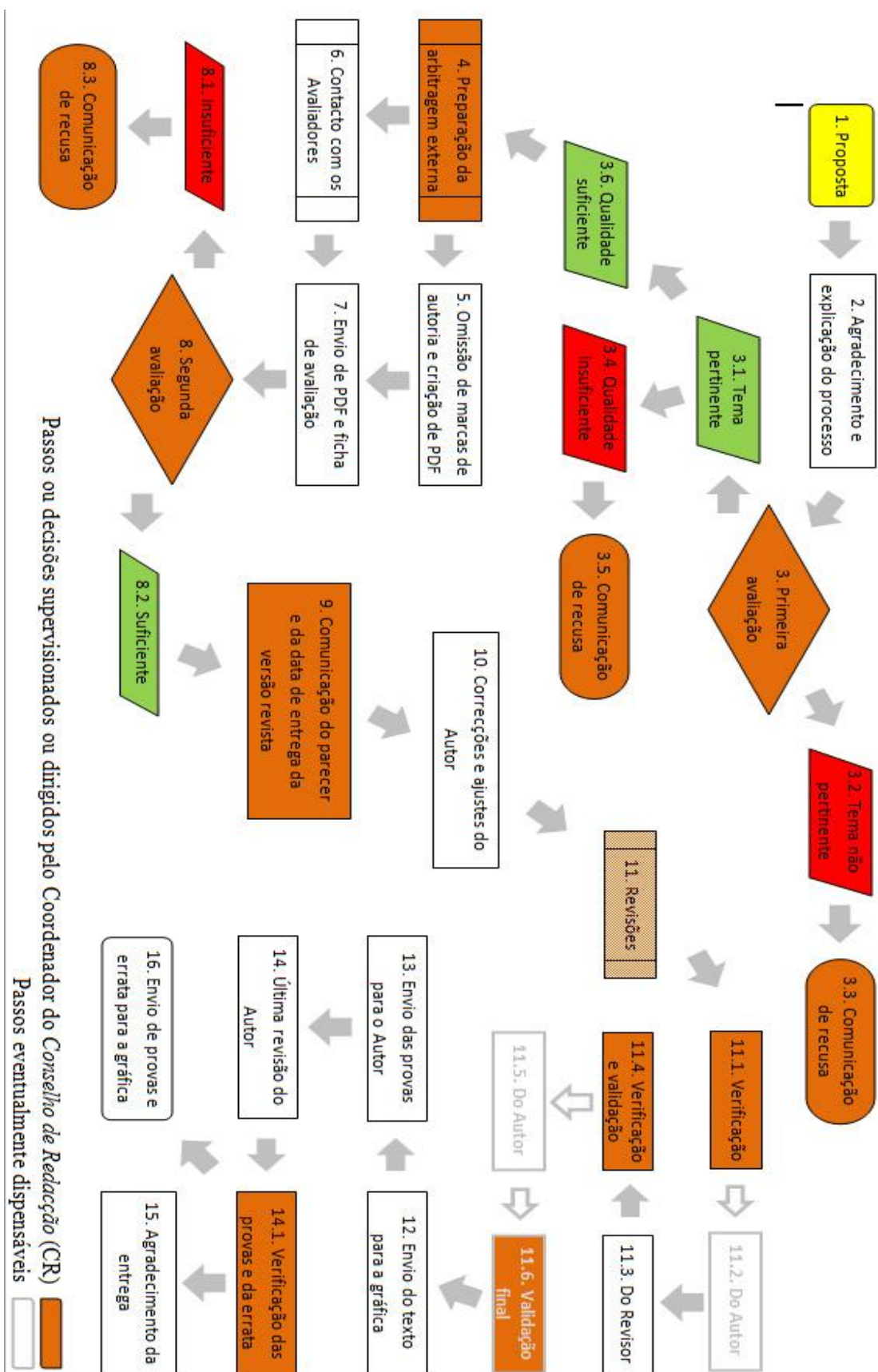
- ARMBRUSTER, Chris, *A European model for the digital publishing of scientific information?*  
([http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1106162](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1106162))  
[Consultado a 26 de Novembro de 2012]
- ARMBRUSTER, Chris, «Moving out of oldenburg's long shadow: what is the future for society publishing?» *Learned Publishing*, Volume 20, Number 4, October 2007, pp. 259-266.  
([http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=997819](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=997819))  
[Consultado a 27 de Novembro de 2012]
- BROOKS, Thom, *Guidelines on How to Referee*,  
([http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1719043](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1719043)) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]
- BROOKS, Thom, *Publishing Advice for Graduate Students*,  
([http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1085245](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1085245)) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]
- BROOKS, Thom, *The Academic Journal Editor – Secrets revealed*,  
([http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2084263](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2084263)) [Consultado a 26 de Novembro de 2012]
- CLARKSON, Peter M., *Publishing: Art or Science? Reflections from an Editorial Perspective*,  
([http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1992710](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1992710)) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]
- GOMES, Valdir Pereira, «O editor de revista científica: desafios da prática e da formação», *Londrina*, Volume 15, Número 1, Julho-Junho de 2010, pp. 147-172.  
(<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5579>)  
[Consultado a 26 de Novembro de 2012]
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia, GOLIN, Cida, CASTEDO, Raquel, «Produção editorial e comunicação científica: uma proposta para edição de revistas científicas», *E-compós*, Volume 11, Número 2, Brasília, Maio-Agosto de 2008.  
(<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/238/274>)  
[Consultado a 10 de Dezembro de 2012]
- JANKOWSKI, Nicholas W., TATUM, Clifford, TATUM, Zuotian, SCHARNHORST, Andrea, *Enhancing Scholarly Publishing in the Humanities and Social Sciences: Innovation Through Hybrid Forms of Publication*,  
([http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1929687](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1929687)) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]

- KENNAN, Mary Anne, and CECEZ-KECMANOVIC, Dubravka, *Reassembling scholarly publishing: Institutional repositories, open access, and the process of change*, [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1030964](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1030964) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]
- RUPP, Deborah E., «Ethical issues faced by editors and reviewers», *Management and Organization Review*, Volume 7, Issue 3, 2011, pp. 481-493.  
(<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1740-8784.2011.00227.x/pdf>) [Consultado a 10 de Dezembro de 2012]
- SANDU, Antonio, «Management Excellence in Academic Publishing», *Postmodern Openings*, Volume 3, Issue 1, 2012, pp. 7-27.  
([http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2102323](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2102323)) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]
- SCHMINKE, Marshall and AMBROSE, Maureen L., «Ethics and Integrity in the Publishing Process: Myths, Facts, and a Roadmap», *Management and Organization Review*, Volume 7, Issue 3, 2011, pp. 397-406.  
(<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1740-8784.2011.00248.x/abstract>) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]
- SCHÜKLENK, Udo, «Publishing bioethics and bioethics - Reflections on academic publishing by a journal editor», *Bioethics*, Volume 25, Number 2, 2011, pp.57-61.  
(<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-8519.2010.01878.x/pdf>) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]
- STUMPF, Ida Regina Chitto, «Passado e futuro das revistas científicas», *Ciência da Informação*, Volume 25, Número 3, 1996.  
(<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/463/422>) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]
- SILVA, Jorge Marques da, «Aspectos éticos e funcionais da publicação científica: passado, presente e futuro», *Interacções*, Número 3, 2006, pp. 19-31.  
(<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/304>) [Consultado a 27 de Novembro de 2012]



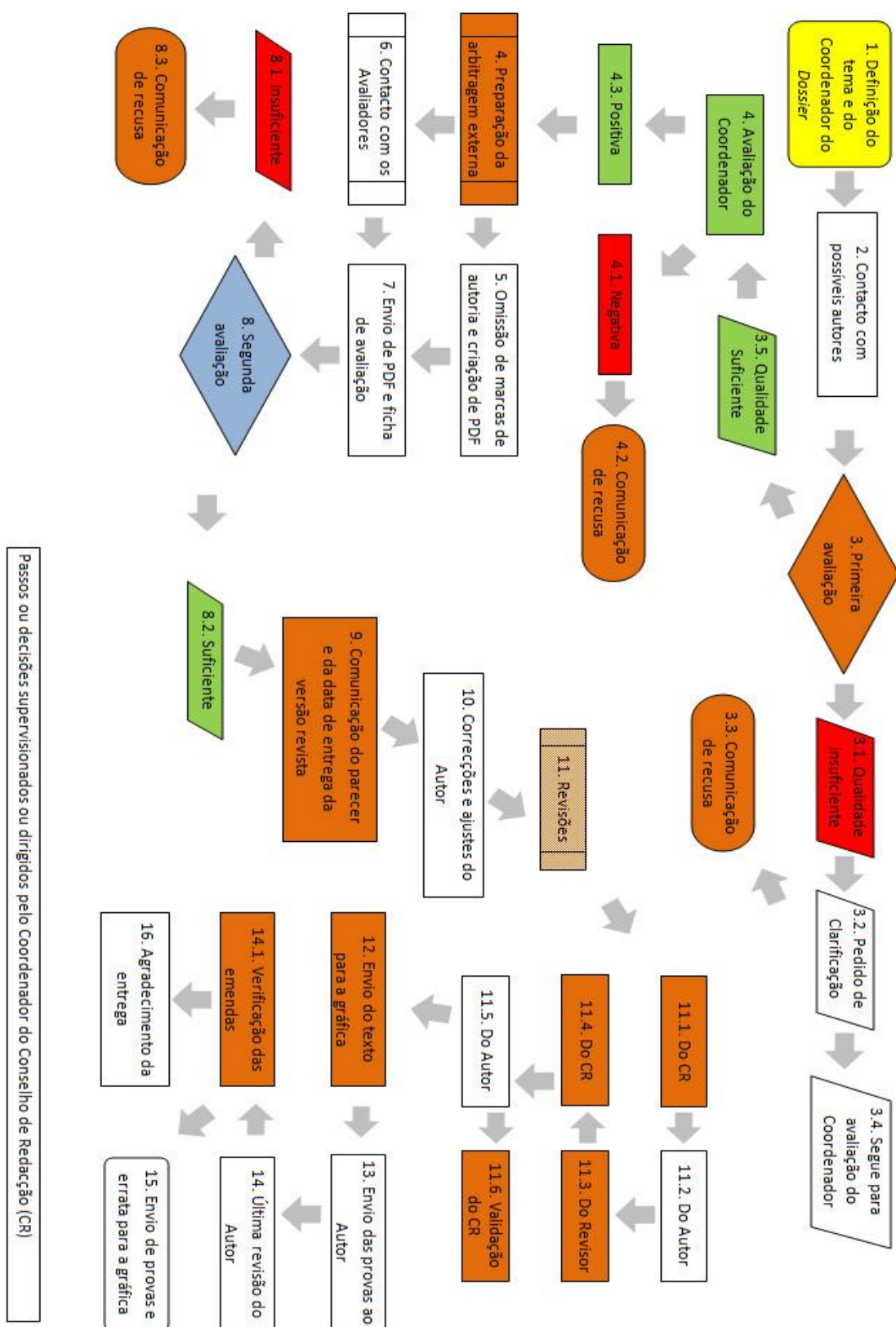
# ANEXOS

Fluxograma 1 – Processamento de Propostas

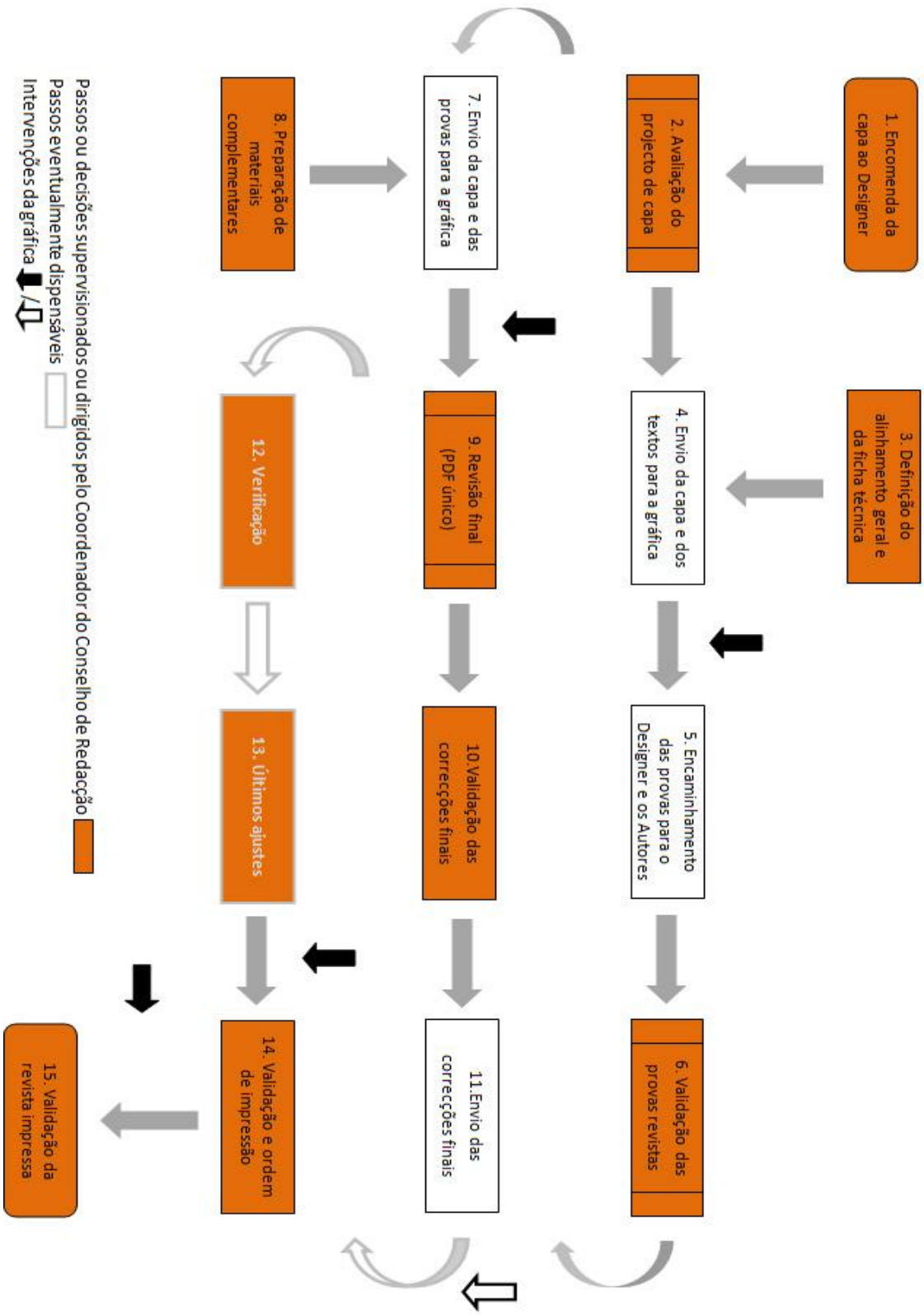


## Anexo 2

Fluxograma 2 – Processamento dos *Dossiers* Temáticos

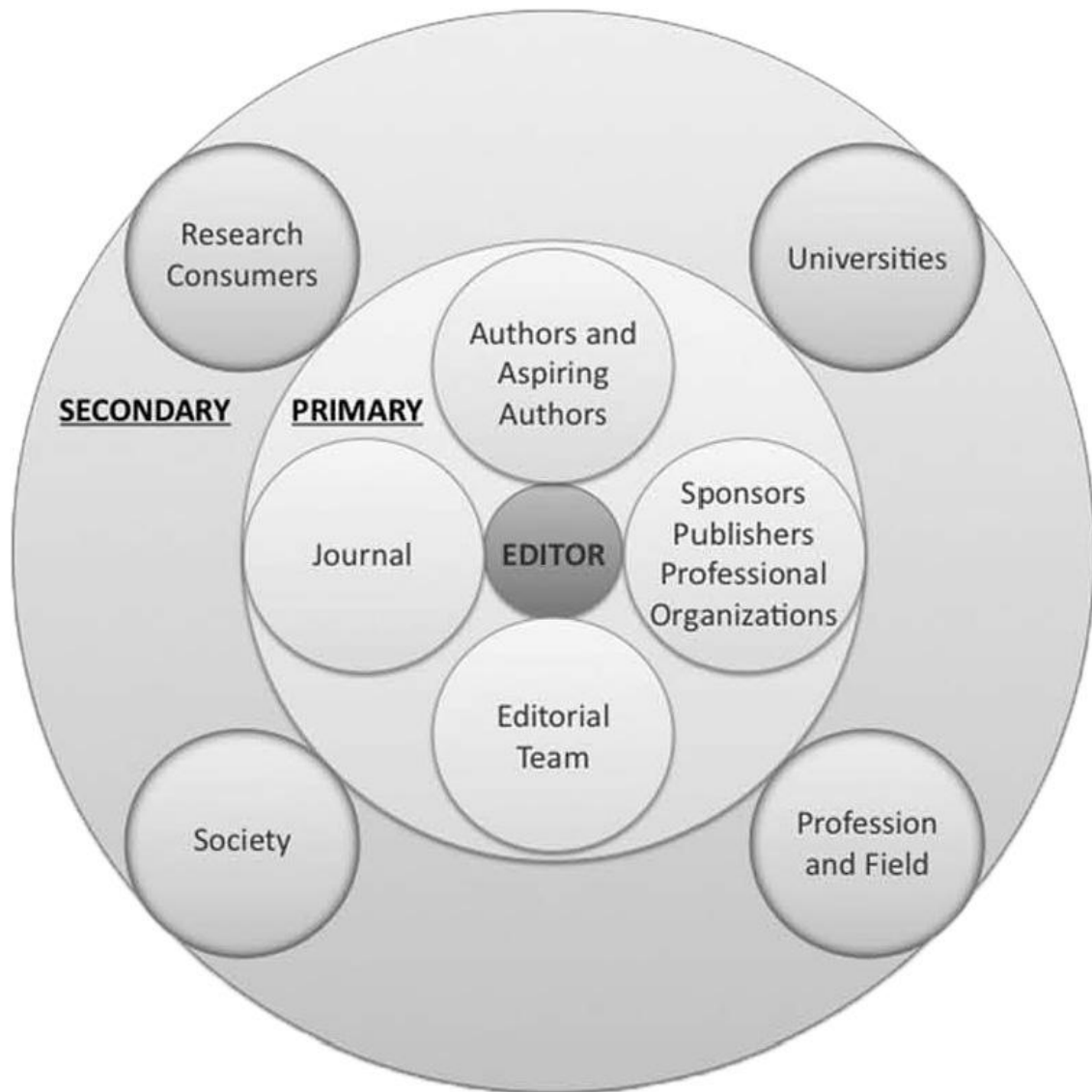


Fluxograma 3 – Composição Gráfica



#### Anexo 4

#### Contexto social da edição de revistas científicas<sup>11</sup>



<sup>11</sup> AGUINIS, Herman and VASCHETTO, Sofia J., «Editorial Responsibility: Managing the Publishing Process to Do Good and Do Well», *Management and Organization Review*, Volume 7, Issue 3, 2011, pp. 414.

### **Submissão e formatação: directrizes gerais**

- Todos os textos devem ser submetidos por *e-mail* para o endereço dos AHAM (anais.cham@fcsh.unl.pt), em ficheiros *Microsoft Windows* ou compatíveis, em folhas de formato A4, com margens de 2,5 cm, espaço duplo e letra *Times New Roman* em tamanho 12.

- As propostas de artigo devem ser entregues livres de marcas de autoria, acompanhadas por um resumo de até 100 palavras, em português e inglês; de quatro a seis palavras-chave, nas mesmas línguas, e de uma breve nota curricular, com endereço institucional e contacto *e-mail* actualizados, em ficheiro separado.

- Os subtítulos de divisões do texto devem ser grafados a negrito.

- O uso de itálico restringe-se a expressões estrangeiras e a destaques realizados em citações.

- No caso de os artigos integrarem palavras em outros alfabetos ou com sinais diacríticos, os autores devem providenciar o respectivo *software* de leitura, no acto de entrega do texto.

- Gráficos e imagens devem ser entregues em ficheiros separados, em formato JPEG, GIF ou TIF, em alta resolução (mínimo de 200 dpi).

- Tabelas, gráficos ou figuras devem ser numerados, ter um título e, sempre que provenham de outra fonte, tê-la claramente nomeada.

- Devem ser indicados no texto os locais de inserção de todos os gráficos, tabelas ou imagens.

- Cabe exclusivamente aos autores assegurarem que as imagens têm as autorizações exigidas pela legislação vigente em matéria de direitos de autor.

---

<sup>12</sup> [http://cham.fcsh.unl.pt/files/anais/AHAM\\_Normas\\_Elaboracao\\_ApresTextos.pdf](http://cham.fcsh.unl.pt/files/anais/AHAM_Normas_Elaboracao_ApresTextos.pdf) [Consultado a 17 de Fevereiro de 2013]

### **Línguas de publicação e questões de estilo**

- Apenas serão considerados para publicação artigos escritos em português, espanhol, francês ou inglês.

2 - Para cada uma das línguas de publicação devem seguir-se as normas ortográficas vigentes e as regras de estilo mais indicadas.

- Nomes próprios e apelidos de origem europeia citados no corpo do texto têm a sua grafia modernizada.

- Em cada circunstância, o tipo de aspas recomendado (angulares rectas, curvas ou plicas) varia de acordo com a língua de redacção. Em textos escritos em português, os AHAM recomendam de um modo geral o uso de aspas angulares rectas ou francesas («»), e aspas curvas ou inglesas (""") em situações de aspas dentro de aspas.

### **Citações**

- Tendo até três linhas, as citações figuram no corpo do texto, entre aspas. Tendo maior extensão, destacam-se em parágrafo próprio, tamanho 11, com recuo de 1,25 cm à esquerda e espaço simples, sem aspas.

- A introdução de palavras ou termos no corpo das citações assinala-se entre parênteses rectos ([ ]).

- Omissões de trechos de citações identificam-se por reticências, entre parênteses curvos.

- Citações em línguas estrangeiras devem fazer-se no original, disponibilizando-se em nota a respectiva tradução para a língua do texto, sempre que o original seja em língua diversa das admitidas pelos AHAM (português, espanhol, francês ou inglês).

### **Transcrição de manuscritos**

- Tanto é aceitável o estrito respeito pela grafia dos textos manuscritos, como a sua modernização ou, ainda, uma via intermédia, expressas pelos autores as normas de transliteração.

- Aconselha-se a indicação de uma ou mais referências bibliográficas a este respeito. Por exemplo:

Walter W. GREG, «The rationale of copy-text», in J. C. Maxwell (ed.), *The Collected Papers of Walger W. Greg*, Oxford, Clarendon Press, 1966, pp. 374391.

José Honório RODRIGUES, Teoria da História do Brasil (Introdução Metodológica), 5ª ed. atualizada, São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1978, Cap. 13 («Crítica de textos e a edição de documentos históricos»), pp. 378-404.

P.e Avelino de Jesus da COSTA, Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos, 3ª ed. muito melhorada, Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática/ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

Gabriel AUDISIO et Isabelle RAMBAUD, Lire le français d'hier. Manuel de paléographie moderne XVe-XVIIIe siècle, 3e éd. revue et augmentée, Paris, Armand Colin, 2005.

### **Notas de rodapé e referências**

- Identificadas com algarismos indo-arábicos, as notas de rodapé devem ser escritas em letra de tamanho 10 e espaço simples.

- Fontes e documentos inéditos referem-se de acordo com os critérios que a seguir se utilizam:

#### **a) primeira ocorrência:**

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], *Instrumentos de Descrição*, Liv. 399 (Chancelaria da Ordem de Cristo).

BIBLIOTECA DA AJUDA [BA], Cód. 54-VI-1 a 5 («Catálogo de marcas de água consoante os documentos existentes na Biblioteca da Ajuda», de Jordão Apolinário de Freitas).

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL [BNP], *Reservados*, Cód. 864, fls. 302-304 (Lista do auto da fé celebrado na Igreja de Santo Antão de Évora, 26 de Janeiro de 1716). [Consultado em 20/03/2012]. Disponível em [http://purl.pt/15393/2/cod-864/cod-864\\_item2/index.html](http://purl.pt/15393/2/cod-864/cod-864_item2/index.html).

ARCHIVIO SEGRETO VATICANO [ASV], *Archivio Consistoriale*, Acta Camerarii, Vol. 9, fl. 63.

HISTORICAL ARCHIVES OF GOA [HAG], *Monções do Reino*, nº 6-B, fl. 27 (Carta do rei [Filipe II] para o vice-rei, D. Martim Afonso de Castro, Lisboa, 23 de Março de 1605).



ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO [AHU], *Conselho Ultramarino*, São Tomé, Cx. 14, doc. 1 (Ofício do capitão-mor Vicente Gomes Ferreira, para o Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, Martinho de Melo e Castro, São Tomé, 26 de Fevereiro de 1772).

**b) ocorrências seguintes:**

BA, Cód. 54-VI-2, fl. [8].

BNP, *Reservados*, Cód. 864, fl. 303.

HAG, *Monções do Reino*, nº 6-B, fl. 27.

AHU, *Conselho Ultramarino*, São Tomé, Cx. 14, doc. 1.

- As referências bibliográficas dispõem-se nos rodapés, respeitando os critérios plasmados nos seguintes exemplos:

**a) primeira ocorrência:**

J. P. Oliveira MARTINS, *Portugal em África*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1891.

José Júlio RODRIGUES, *Les colonies portugaises*, Lisbonne, Imprimerie Nationale, 1888 (Extrait des *Bulletins de la Société Royale de Géographie d'Anvers*).

Gilberto FREYRE, *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 25ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1987.

C. R. BOXER, *The Portuguese Seaborne Empire 1415-1825*, [2nd ed.], Manchester, Carcanet/ Calouste Gulbenkian Foundation, 1991.

C. R. BOXER, *Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770*. Factos e Lendas de Macau Antigo, trad. Teresa e Manuel Bairrão Oleiro, Macau, Fundação Oriente/ Museu e Centro de Estudos de Macau, 1990, pp. 10-21.

Francisco BETHENCOURT e Kirti CHAUDHURI (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, Vol. 1 («A Formação do Império, 1415-1570»), [Lisboa], Círculo de Leitores, 1998.

A. J. R. RUSSEL-WOOD, «Men under stress: the social environment of the *Carreira da Índia* (1550-1750)» in Luís de Albuquerque e Inácio Guerreiro (eds.), *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Lisboa, 1985, pp. 19-35.

Jean AUBIN, «Un Voyage de Goa à Ormuz en 1520», *Modern Asian Studies*, Vol. 22, Nº 3 (1988), pp. 417-432.

Jean AUBIN, «Deux Chrétiens au Yémen Tāhiride», *Journal of the Royal Asiatic Society*, Third Series, Vol. 3, Nº 1 (April, 1993), pp. 33-52.

Fernando BOUZA ÁLVAREZ, «Entre dos reinos, una patria rebelde. Fidalgos portugueses en la Monarquía Hispánica después de 1640», *Estudis: Revista de historia moderna*, nº 20 (2004), pp. 83-104. [Consultado em 20/03/2012]. Disponível em [http://centros.uv.es/web/departamentos/D235/data/informacion/E129/PDF1 18.pdf](http://centros.uv.es/web/departamentos/D235/data/informacion/E129/PDF1%2018.pdf)

**b) ocorrências seguintes:**

J. P. O. MARTINS, op. cit., pp. 117-120.

F. BETHENCOURT e K. CHAUDHURI (dir.), op. cit., Vol. 2, p. 203.

A. J. R. RUSSELL-WOOD, art. cit., p. 20

F. BOUZA ÁLVAREZ, art. cit., p. 90.

G. FREYRE, op. cit., *passim*; C. R. BOXER, *Fidalgos*, cit., p. 39, e J. AUBIN, «Deux Chrétiens», cit., pp. 30-31.

- No fim dos artigos, deve figurar a relação integral da bibliografia citada, disposta alfabeticamente pelos apelidos dos autores.

## Anexo 6

### Normas editoriais – *Análise Social*<sup>13</sup>

1.A *Análise Social* é constituída por três secções: (i) *Artigos* — integrando artigos de fundo até 9000 palavras; (ii) *Dossiês* temáticos — integrando cada dossiê não mais de quatro artigos, até 7500 palavras cada um; (iii) *Forum* — integrando ensaios bibliográficos (*review articles*), entrevistas, notas críticas e debates.

2.A revista aceita propostas de trabalhos académicos originais sobre temas das ciências sociais sob a forma de (i) artigos e (ii) ensaios bibliográficos, e recebe também entrevistas para apreciação. As contribuições deverão ser redigidas tendo em vista a sua relevância e acessibilidade para um público de ciências sociais. Os trabalhos podem ser propostos em português ou inglês.

3.A *Análise Social* recebe todos os anos centenas de artigos que são analisados pelo Conselho de Redacção, tendo em vista a sua adequação ao perfil, objectivos e âmbito da revista. Infelizmente, só alguns dos artigos recebidos podem ser considerados para possível publicação, sendo enviados para avaliação por *referees* externos dentro das normas expostas em 1. e 4.

4.A decisão de publicar os trabalhos propostos à revista é do conselho de redacção (director e directores-adjuntos). No caso dos artigos, a decisão depende de parecer favorável de dois *referees* externos, em regime de duplo anonimato (*double-blind*); no caso dos ensaios bibliográficos, a decisão depende de parecer favorável de um *referee* externo, em regime de duplo anonimato (*double-blind*). O conselho de redacção reserva-se o direito de promover entrevistas, debates e notas críticas sobre temas de especial relevância para as ciências sociais, não estando estas contribuições sujeitas à avaliação de *referees* externos.

5.Os trabalhos propostos à *Análise Social* devem ser enviados num único ficheiro, Word ou compatível, em corpo 12, a espaço e meio, por correio electrónico, para clara.cabral@ics.ul.pt.

---

<sup>13</sup> [http://analisesocial.ics.ul.pt/?page\\_id=30](http://analisesocial.ics.ul.pt/?page_id=30) [Consultado a 17 de Fevereiro de 2013]

6.As notas devem ser reduzidas em número e dimensão. Os quadros, figuras e mapas são numerados e colocados no final do texto, tendo este a indicação dos locais onde devem ser inseridos. A bibliografia é colocada depois dos quadros e deverá conter apenas as obras referenciadas, ordenadas alfabeticamente.

7.Os artigos devem ser acompanhados de um resumo de 100 palavras em português e de outro em inglês, de 4 palavras-chave e dos dados de identificação do autor (instituição, categoria, áreas de especialização e elementos de contacto).

8.As citações e referências a autores seguem as normas seguintes: Pinto (2002) ou Pinto (2002, pp. 32-33); Pinto (2002a), quando referentes a mais de um título do mesmo autor e ano; Pinto et al. (2002), quando referentes a obras colectivas.

#### 9.Critérios de citação:

##### Livros

PINTO, J. M. (2007), *Indagação Científica, Aprendizages Escolares e Reflexividade Social*, Porto, Afrontamento.

##### Colectâneas

PROSSER, J. (ed.) (2000), *Image-Based Research — A Sourcebook for Qualitative Researchers*, Londres, Routledge and Falmer Press.

##### Artigos em colectâneas

EISENSTADT, S. N. (2005), "Axial civilizations and the Axial Age reconsidered". In J. P. Arnason, S. N. Eisenstadt, B. Wittrock (eds.), *Axial Civilizations and World History*, Leiden, Brill, pp. 531-564.

##### Artigos em revistas

Parr, J. B. (2004), "The polycentric urban region: a closer inspection". *Regional Studies*, 38 (3), pp. 231-240.

##### Publicações online

COFFEY, A., HOLBROOK, B., ATKINSON, P. (1996), "Qualitative data analysis: technologies and representations". *Sociological Research Online*, 1(1), Disponível em <http://www.socresonline.org.uk/socresonline/1/1/4.html>, [consultado em 31-1-2006].

## Teses

Fidalgo, J. M. (2006), *O Lugar da Ética e da Auto-Regulação na Identidade Profissional dos Jornalistas*. Tese de doutoramento, Braga, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

## Clássicos

Espinosa, B. (1988 [1670]), *Tratado Teológico-Político* (trad. D. P. Aurélio), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

10.Os autores, individuais ou colectivos, dos artigos publicados conferem à *Análise Social* o exclusivo do direito de publicação sob qualquer forma e receberão da revista 30 separatas.

## Anexo 7

Normas Editoriais - Revista de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto<sup>14</sup>

### I. Artigos

1. As propostas de publicação de artigos devem ser enviadas por correio electrónico para o seguinte endereço: *revista.historia@letras.up.pt*.

1.1. Os autores devem preparar e anexar à mensagem electrónica duas versões do seu artigo: uma conterá o texto completo; a segunda deverá eliminar qualquer informação que identifique o autor, de forma a permitir o anonimato exigido pelo processo de arbitragem científica.

2. O documento electrónico com a versão completa do artigo (não anónima) deve ser identificado pelo nome do autor(a) e pelo título do trabalho.

2.1. O documento electrónico com a versão anónima do artigo deve ser identificado pelo seu título e pela menção explícita de “Texto para Avaliação”.

3. O artigo deve ter uma extensão não superior a 7500, incluindo anexos e ilustrações, e deve ser acompanhado por dois resumos, em língua portuguesa e inglesa (com um máximo de 150 palavras por cada resumo), e um conjunto de até quatro palavras-chave.

4. É necessário identificar na mensagem electrónica a informação relativa ao endereço postal, endereço electrónico e telefone do autor(a).

5. Os artigos submetidos devem ser redigidos em aplicação informática de processamento de texto compatível com o MS Office Word, com espaço e meio entre linhas, tipo Arial e corpo a 12 pontos.

5.1. Os parágrafos devem ser indicados de forma clara e as páginas devem estar todas numeradas.

5.2. Os quadros/tabelas, figuras/gráficos, mapas e/ou imagens devem ser enviadas em formato TIF (*Tagged Image File Format*) ou JPEG (*Joint Photographic Experts Group*). Os respectivos ficheiros devem ser anexados à mensagem electrónica, como ficheiros separados e com designações curtas e objectivas (exemplos: “Quadro 1”, “Figura 3”, etc.). O texto do artigo deve conter a indicação clara quanto ao local da inserção das imagens no texto.

---

<sup>14</sup> <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9316.pdf> [Consultado a 17 de Fevereiro de 2013]

5.3. Imagens a preto e branco ou cópias de fotografias são autorizadas desde que o autor do artigo declare explicitamente que obteve previamente a necessária autorização para a sua reprodução e utilização junto da entidade competente.

6. As notas de rodapé devem ser identificadas por ordem numérica.

7. Um outro documento anexo deve conter informação biográfica e profissional do autor, para integrar a secção da Revista referente às «Notas sobre os Autores». Essa nota não deve exceder um parágrafo.

8. Referências documentais e bibliográficas.

Todas as referências documentais e bibliográficas são citadas em nota de rodapé.

8.1. Citações de documentos

As citações documentais deverão integrar, como norma, todos os elementos necessários a uma rigorosa identificação da espécie, recorrendo a abreviaturas ou siglas após a primeira referência completa. A indicação dos fundos documentais deverá ser feita em itálico.

Ex. Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), *Chancelaria D. Afonso V*, lv. 15, fl. 89.

8.2. Citações bibliográficas - monografias

Em texto, qualquer citação bibliográfica (de monografia, artigo de publicação periódica, contribuição em obra colectiva, dissertações académicas, material áudio-visual ou publicações magnéticas – em suporte electrónico ou disponibilizada *on-line*) deverá ser referenciada em nota de pé de página, de acordo com os critérios a seguir exemplificados, incluindo o nome do autor, o ano de publicação da obra e a página ou páginas a que a citação se reporta.

Ex.: Jorge Borges de Macedo, *A situação económica no tempo de Pombal. Alguns aspectos* (2ª ed., Lisboa: Moraes Editores, 1982), 72.

8.2.1. Citação de dissertações académicas

Ex.: Luís Carlos Amaral, “Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (séc. IX-1137)” (Diss. Doutoramento, Universidade do Porto, 2007), 142.

Ex.: Gaspar Martins Pereira, “Estruturas familiares na cidade do Porto em meados do século XIX: a freguesia de Cedofeita” (Diss. Mestrado, Universidade do Porto, 1986), 85.

### 8.3. Citações de estudos insertos em obras colectivas

#### 8.3.1. Congressos

Ex.: José Mattoso, “A mulher e a família” in *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais. Actas do colóquio, Coimbra, 20 a 22 Março 1985* (Coimbra: Faculdade de Letras - Instituto de História Económica e Social, vol. I, 1986), 35-49.

#### 8.3.2. Capítulos ou partes de obras colectivas

Ex.: Joaquim Romero de Magalhães, “O enquadramento do espaço nacional” in *História de Portugal. III Vol., No alvorecer da Modernidade (1480-1620)*, dir. José Mattoso (Lisboa: Editorial Estampa, 1993), 13-60.

### 8.4. Citações de publicações periódicas

Ex.: António Rosas; Ramón Maiz, “Democracia e cultura: da cultura política às práticas culturais democráticas”, *Revista da Faculdade de Letras – História* (III série, vol. 9, 2008), 337-356.

### 8.5. Bibliografia disponível em linha (*on-line*)

Devem ser seguidas as normas previstas nos itens precedentes, quando aplicáveis, seguidas dos elementos relativos à sua disponibilidade *on-line* e data da respectiva consulta.

Ex.: Luís Carlos Amaral, *Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (séc. IX-1137)* (Diss. Doutoramento, Universidade do Porto, 2007), 142 (disponível in <http://www.letras.up.pt/luisamaral.pdf> - consultada em 12/09/2009).

Ex.: Luís Carlos Amaral, “Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (séc. IX-1137)”, *Revista da Faculdade de Letras – História* (III série, vol. 9, 2007), 337-356 (disponível em <http://www.letras.up.pt/luisamaral.pdf> - consultada em 12/09/2009).

### 8.6. *Ibidem* e *Idem*:

Recomenda-se a utilização de *Ibidem*, quando se cita a fonte ou trabalho referido na nota de rodapé imediatamente anterior, e de *Idem*, quando se continua a citar a mesma fonte ou trabalho, depois de *Ibidem*, sem interrupções ou quando se cita o mesmo autor. (Em caso de dúvida, recomenda-se a repetição do nome do autor e a citação curta.)

Ex.: <sup>1</sup> Luís Filipe R. Thomaz, *De Ceuta a Timor* (Linda-a-Velha: Difel, 1994), 67.



Ex.: <sup>2</sup> *Ibidem*, 71.

Ex.: <sup>3</sup> *Idem*, 43.

8.7. Recomenda-se a utilização de uma citação curta sempre que o trabalho tenha sido identificado em nota de rodapé anterior, não imediata.

Ex.: <sup>4</sup> Jorge Borges de Macedo, *A situação económica no tempo de Pombal. Alguns aspectos* (2ª ed., Lisboa: Moraes Editores, 1982), 72.

Ex.: <sup>15</sup> Jorge Borges de Macedo, *A situação económica no tempo de Pombal*, 90.

8.8. As situações omissas nas presentes instruções de citação bibliográfica devem ser reguladas pelas normas definidas pelo *Chicago Manual of Style* (disponível em <http://www.chicagomanualofstyle.org/contents.html>).

## II. Recensões críticas

9. As recensões devem ser precedidas da citação completa da obra, incluindo o seu preço de mercado:

Ex.: Patrick O'Flanagan, *Port Cities of Atlantic Iberia, c. 1500-1900*. Burlington: Ashgate, 2008 (xvii + 332 pages, US\$144.95 hardcover)

10. As recensões não devem ultrapassar as 1.500 palavras.

## III. Direitos de publicação

11. Os autores dos artigos e recensões críticas publicados cedem à **Revista** o direito de publicação em suporte de papel e *on-line*, e receberão 2 exemplares do número da Revista e uma cópia em versão PDF (*Portable Document Format*) dos seus artigos.